



O pensamento Mítico e o surgimento da Filosofia, os Pré-Socráticos

É fato que quando relacionamos o surgimento do pensamento filosófico na Grécia Antiga, por volta do século V a.C., não seja possível pensá-lo separadamente do discurso mitológico. É através dessa forma de pensamento Mitológico que o indivíduo situava-se no tempo, no espaço, na sociedade, nas possibilidades de compreender a realidade que o homem estava inserido. Nesse sentido, falar e relacionar o mito seriam contribuirmos para o caráter explicativo da realidade, trazendo conforto ao homem perante um mundo assustador.

Através de explicações estabelecidas a partir do início do século XIX, os antropólogos por meio de comparações e associações foram capazes de descrever a situação que se encontravam civilizações mais simples e primitivas que a nossa. Essas civilizações poderiam, portanto, serem tomadas como referência para descrever o grau de consciência que se encontravam e suas respectivas evoluções, a medida que tomavam contato com outras culturas e valores. Foi perceptível que o mito nessa forma de organização social estivesse atrelado a formas de explicação da realidade, como se fossem verdades construídas sobre alicerces bem fundamentados.

No entanto, o mito acaba por se materializar como uma espécie de verdade intuída, aquela que é perceptível de maneira semelhante ao senso comum, de maneira espontânea, sem muitas problematizações ou comprovações. Contrapondo Verdade e Mentira, o mito assume a condição necessária de uma crença instituída no consenso de uma sociedade que preserva suas relações e explicações fora do seu próprio mundo. Baseado nessas condições, é que o homem antes de tornar-se dono de seu próprio destino, ele busca compreender as relações com o meio em que se encontra através do medo, do temor, do castigo.

Por isso que, geralmente, quando nos referimos à forma de compreender o mundo baseado em consciência mitológica, primitiva o critério é a relação de associação entre as Divindades que constantemente aproximam-se da condição humana e assumem traços caracterizadamente humanos. Essa forma de consciência primitiva, denominamos de Mitologia quando se apoia em uma virtude do guerreiro, do herói, que defende a Polis e seus amigos, sua família, mas apoiado numa intensa relação com os Deuses.

Períodos marcados pelo passado do homem grego e suas relações de parentesco com divindades, estão presentes na maioria das obras de Hesíodo e Homero. Nas obras são descritas condições que são necessárias ao amplo desenvolvimento de uma explicação de mundo se encontre numa realidade fora dela.



Isso implica afirmarmos diretamente que o homem é responsável por mundo paralelo à natureza, atribuindo uma racionalidade intrínseca, a um mundo sobrenatural, metafísico.

Em obras como de Hesíodo e Homero, estão presentes situações particulares enfrentadas pelos homens e que constituem uma relação de parentesco e proximidade com as divindades, atribuindo-lhe uma noção de destino, em um mundo pré-ordenado, através de funções já definidas pela origem do mundo.

E a consciência? O homem primitivo que nos referimos está condicionado a uma realidade em que a existência de consciências individuais é pouca ou quase inexistente. Ele já não comanda suas ações e consequências, seu destino está ligado as divindades, seu grandes feitos. Essa noção representa uma realidade ao qual o homem só faz parte enquanto coletividade. É a primeira consciência pessoa que está presa na consciência da comunidade. Regras e proibições em formas de organização social como essas, são punidas a partir do próprio meio, sendo imbuído de aura sobrenatural, de estigma da família, da tribo.

Antes de ser uma consciência racional, passamos por uma consciência moral de todo o conjunto da coletividade. No entanto, a partir de grandes transformações que a Grécia Antiga irá percebendo ao longo dos séculos VI e V, será possível perceber o desenvolvimento de uma noção de destino bem clara aos novos tempos.

O Homem vai, aos poucos, estabelecendo uma autonomia maior. O homem que busca questionar seu destino irá também legitimar outras formas de explicar de maneira mais racional a realidade. Isso permite retirar dos próprios fenômenos físicos as explicações de ordem natural das coisas, intrínseca aos próprios fenômenos e eventos. Implica-se a esse discurso percebermos que todo fenômeno por mais natural que seja, existe em decorrência de regras e leis próprias, como a gravidade, a aceleração, a reação de corpos.

O mito de fato nunca deixou de acompanhar o desenvolver do processo filosófico. Bem pelo contrário, essa nova forma de conceber o mundo retira o caráter sobrenatural do aspecto do conhecimento, mas não torna o conhecimento racional o único conhecimento absoluto para explicação de fenômenos, tornando necessária a existência de uma série de discursos atrelados, por vezes ao mito, a descrição de fenômenos. Pode-se dizer que o mito é o processo que inaugura a compreensão do ser, dos questionamentos, da existência, sendo a primeira e essencial leitura do mundo que permitiu o desenvolvimento da humanidade.



Em vários pontos, inclusive do pensamento filosófico, o mito constituiu um vai e vem de termos e conceitos que foram associados a explicações mais generalistas e superficiais, quando na falta de instrumentos mais complexos e determinantes para a ciência elaborar suas explicações. Isso nos permite permanecer alertas aos extremismos, quando consideramos a ciência a única forma de explicação da realidade; bem como quando reduzimos o dogmatismo de crermos em concepções mitológicas sobre a realidade que nos cerca. A função do mito, portanto, deve ser a norteadora de elementos da imaginação do homem, criando rituais que fixam ações dos deuses, quando festejamos aniversários (ciclos), ano novo, debutantes, momentos que marcam verdadeiras homenagens a vivacidade do mito.

De outro, lado, o perigo de recorremos ao Mito do Cientificismo deva permitir que estejamos aptos e abertos a considerar outras prováveis explicações que evitem reducionismos como a neutralidade, da objetividade e da ideia de que o progresso é parte integrante das sociedades.

É nesse contexto, de superação da consciência mítica, portanto, que surge o desenvolver de uma consciência mais marcadamente racional. Ao invés de relacionar a ideia de um Cósmos ordenado como assemelha-se o *mytos*, iremos estabelecer um ponto de partida do *Lógos*, de um estudo racional sobre o todo. Os filósofos traçam por importantes objetivos a rejeição da tradição dogmática dos mitos e oferecendo uma múltipla realidade a ser entendida de compreendida. As primeiras escolas, nesse sentido, surgem nas praias da Jônia, com uma escola marcada pela cidade de Mileto: Tales, Anaxímenes e Anaximandro. Denominada pela insígnia de Pré-Socráticos, os primeiros filósofos de Mileto irão marcar a filosofia com uma forma de conceber a realidade pelas questões naturalistas. Os filósofos de Mileto, também chamados de milênios, jônios, físicos, criam um estudo racional, um *Logos* sobre o todo.

Essa lógica, no entanto, sendo exatamente material, irá buscar na natureza física das coisas uma *physis* inerente aos próprios elementos. Sem medo de pensar, sem autoridades ou restrições, o homem se encontrará livre para estabelece seus principais norteados do conhecimento.

Buscando explicar como as coisas se organizavam, os primeiros filósofos estabelecem o princípio das forças que atuam fora da própria natureza. O que busca-se saber é a referência da origem, da criação da natureza: como ela age, como se desenvolve, como se multiplica, e qual a materialidade, ou a sua própria naturalidade. Ou seja, os filósofos Pré-Socráticos inovaram no sentido de buscar na própria materialidade das coisas, um sentido para a existência da realidade, atribuindo a própria *Physis* uma existência em que se encontrava intuída na própria Natureza, e não fora dela. Esse discurso fundamenta-se num discurso mais crítico



sobre a natureza, possibilitando a formação da Ciência. As principais escolas Pré-Socráticas estiveram preocupadas com a questão da *Physis* e da *Arché* (o princípio).

Alguns desses Filósofos atribuíram essa "materialidade" aos próprios elementos: a água, o ar, o fogo, os átomos, os números como afirmavam os discípulos de Pitágoras. O mais importante para todo esse processo do filosofar, no entanto, não está ligado nas coisas em si, na sua fisicidade, mas reside de fato na busca pelo conhecer a realidade.

Essa realidade, interpretada de diversas maneiras, caracterizou-se pela seu revestimento racional dos fenômenos. Desse processo, nasce a concepção de que a filosofia deveria buscar a essência das coisas. Essa essência se define por aquilo que as coisas realmente são, e não o que aparentam ser. Por trás de toda a multiplicidade das coisas existiria um fator preponderante para tudo? Heráclito creditava muito a forma dinâmica dos objetos, aquilo que "Tudo Flui", que está em um constante fluxo perpétuo. Nessa linha de raciocínio, se tudo muda como estabelecer uma segurança em relação ao que conhecer? Essa visão só será substituída por Parmênides.

Diferente de Heráclito que valorizava por demais as experiências sensíveis, Parmênides defende a possibilidade de alcançar a essência de tudo. Baseando-se na impossibilidade da existência do ser e o não-ser, ele afirma que só o Ser é pensável, não podendo existir o não ser. Abandonando os sentidos, a referência dessa forma de pensamento é criar uma explicação que esteja atrás da malha das sensações que recebemos pelo Corpo. Por trás de toda a aparência seria possível assim buscarmos uma multiplicidade de formas pela razão que estaria fora do mundo sensível, definindo o que é fixo, imutável, que faz que as coisas sejam o que são e que se afirmam para nosso pensamento.